

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

REPRESENTANTE
Em (Lisboa)

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Torreira, Povoas, Eixo, O. do Gato, Bonsucesso, Esgueira, Mataduchos, Avauca, Estarreja, Coimbra e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem.
Danton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador
José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA!!

Redactor e Editor

Antonio da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO (CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

ANO NOVO

Salvé, ó Ano Novo que nos acenas com o facho de luz suave com que pretendes alumiar os primeiros passos da tua entrada no seio das gerações!

Entre o ano que vai decorrer e o ano que lá vai, só notará o leitor a pequenina separação de uma expectativa acariciadora de que a lotaria da vida lhe traga premiado o número 1933, com novas venturas, em sorrisos promitentes do bom andar da sorte; que 1933 lhe traga mascote e lhe ratifique o que uma vidente porventura tenha lido nos mistérios do futuro, nas linhas curvas do intrincaço dos preságios, será o seu sonho, e seu desejo ardente de hoje também.

Estanquemos nos lábios a onça de amargura profunda, que não nos desvaire a paixão do sofrimento e procuremos ver o novo quadro que o ano de 1933 nos aponta no seu penúlio de eloquência, escrito em frases seladas do punho da originalidade, poderosas no seu vigor, brilhantes nas suas tintas, animadas nos seus tons inimitáveis.

Damos por felicidade compôr, de fantasia, o frontespício desse quadro que deve ser grandioso para captar a aceitação e os louvores que o ano que findou não conseguia alcançar.

Nimbado pela luz pura do Sol nascente, consola ver como se dissipam as trevas derradeiras ao despontar os novos rebentos da árvore da civilização, que vencem em vigor e em formosura aquêles que, nas mesmas vergôntes, já se mirraram.

Não virá uma nova prole intelectual ou a consagração da história, sempre generosa em louvores pessoais... mas vejo que o Novo Ano floresce, brilha, irradia, destinando-se a formar o cortejo de nomes ilustres, a coligir tesouros de sabedoria que se abrem para a humanidade.

Voltemos então as costas a 1932 e prostremo-nos, adutores, para o sol que nasce de 1933, formulando os nossos votos para que ao leitor — aos nossos colaboradores, aos nossos cooperadores de trabalho, e todos os os nossos confrãneos, e não confrãneos,

Leves considerações

A propósito dum artigo

O movimento de automoveis era grande, e não foi sem custo, que conseguí alcançar o passeio onde se encontrava um velho amigo de minha familia, que tinha feito sinal para me falar.

Após um abraço, aquele velho que tinha na minha frente, cheio de cãs, disse-me:

—Meu caro, sabes que fui despedido da casa onde trabalhava, após 32 anos de dedicação e até de sacrificio para o meu organismo.

—Admirado do que ouvia, perguntei:

—Mas, quais as causas, meu velho António?...

—Ora, as de sempre... que já estava velho e que os negócios iam mal.

—Mas...

—...chega para constantemente estarem a meter mais pessoal, mas esse do belo sexo, para das filhas de honradas familias fazerem o que bem lhes apetece, para depois as abandonarem... e, quem sabe se as atiram para a enxurrada da lama.

—Mas amigo, coragem, muita coragem!...

Procurarei ser-lhe útil!... Vá para junto dos seus e aguarde dias melhores!

—Obrigadol... E duas lagrimas correram pelas faces daquela vitima da ingratidão dos homens.

Poucos passos tinha dado, e ainda debaixo da impressão que me tinha causado o velho António, quando se me dirigiu um rapaz de aspecto doentio, regularmente vestido e de chapéu na mão, estas palavras proferiu:

—O senhor parece boa pessoa; sei que é dos jornais!...

—Sou, sim!... respondi:

—Pois bem, uma cousa lhe vou contar!...

—As suas ordens!...

—Eu era empregado num estabelecimento de fazendas, ultimamente começamos a fazer serões, que nunca foram pagos. Depois em virtude do excesso de trabalho, caí á cama, pois o que ganhava não era sufficiente para me apresentar decentemente ao serviço e comer o necessário.

Ao fim de 15 dias apresentei-me na loja e, como me negasse fazer serão, pois mal me podia sustentar de pé, o patrão, um desses homens que, apregoam moral e pertencem muitas vezes, mas com outro intuito a casas de caridade, me chamou ao interior da casa e de charuto ao canto da bôca e

com um sorriso sacrástico, declarou: —Cá em casa quem manda sou eu; por isso considere-se despedido, e o melhor é ir-se já embora.

E metendo-me na mão o resto do que tinha a receber do meu misserímico ordenado, ainda me ameaçou apunhando a classe a que me orgulho de pertencer.

—E que faz agora?... inquiri eu.

—O que faço!... Morro de fome!...

—Fome!... exclamei.

E ao mesmo tempo tudo que a minha bolsa de prata continha, despejei na mão daquêlle que com os olhos fitos nas pedras da calçada, só dizia:

—Muito obrigadol... muito obrigadol!...

Afastei-me, e ao chegar a casa, entre a correspondencia encontrei varios jornais cuja leitura guardei para a manhã seguinte.

No dia seguinte, o ultimo jornal a lêr foi o *Ecoss de Cacia*, e ao deparar com o artigo intitulado "*Questões Sociais—Diagnostico*," revoltei-me, porque não posso admitir, que um proprietario, comerciante e industrial, que era quem firmava aquela prosa, se arvôre em defensor das classes trabalhadoras, se arvôre em pioneiro daquelas.

Com que direito o faz? Com que autoridade?

—Não é êle comerciante?

—É!...

—Não é êle proprietario de varios prédios?

—É!...

—Não é êle, industrial?

—É!...

Então se é proprietario, porque não oferece um dos andares duma das propriedades, para nela se instalar uma escola para filhos de trabalhadoras?

Então se defende as classes trabalhadoras, porque não é o primeiro a ir contra a falta de cumprimento das 8 horas de trabalho?

Porquê?...

Bem o sabemos!... Simplesmente porque é comerciante e industrial.

Um conselho aos que se arvôram em pioneiro das massas trabalhadoras, aproveitando um ditado antigo: "Antes que cases, vê o que fazes."

E eu direi aos escrivãs sem consciencia:

"Ao escreveres, vê o que escreves" *Tableaux*.

Carlos Regueira Santos

1933

Nasceu de um sopro e de uma chuvada. Não viu o sol da madrugada. Apenas o anunciaram os gritos das sirenes e os apitos das locomotivas. Trouxe consigo os frios do inverno; não deve por tal motivo ser muito calido. E talvez que isso assim favoreça a agricultura. O ano que findou também teve uma fase que fez prever abundantes colheitas e afinal só o trigo foi em relativa quantidade o que fez que não houvesse este ano importância de trigo exótico.

Como sempre, já varios pitonisa fazem seus anúncios e vaticínios sobre acontecimentos futuros.

Nós limitamos a observar os varios acontecimentos dia a dia desenrolados ao nosso redor, ignorantes como somos em profundar a Natureza. E dos acontecimentos que a dar se venham, só no fim do corrente ano poderemos dizer se lá chegar-mos com vida e saúde. Que até ao presente chegamos nós e não sabemos o que será o dia de amanhã.

Com verdade só podemos dizer que no dia 31 de Dezembro deste ano corrente, que caí a um domingo, e é como todos os anos o dia de S. Silvestre, minutos antes de badaremas 12 horas da noite, ou se querem, as 24, muito gastrónome se encontrará já sentado á mesa para se bouqueteiar com o pipara ceia fim do ano.

F.

Sport Club Beira-Mar

Festejando o seu aniversario de fundação quer o Sport Club Beira-Mar, de Aveiro, realizar umas festas que marcassem pela singelera da sua modestia, mas o tempo invernos que fez no dia 1 de Janeiro, na data da sua fundação, não permitiu dar-lhes o brilho desejado.

Ainda assim no salão nobre da sua sede teve em exposição os trofeus ganhos em varios pre-

Continua na 2.ª pag.

mas sim a todos enfim que vivem e labutam neste nosso mesmo torrão pátrio — saiam — na lotaria do viver — todos os prémios das maiores venturas. E que vejam sempre os seus desejos tornados nas mais felizes realizações. E que a nós não nos faltem!

Crónica Lisboeta

A passagem do Ano Novo, foi como poucas vezes, festejado com entusiasmo. pois ás O horas, em todas as ruas da Capital, se ouvia o barulho da grafonola, —aquêles que a possuíam—, o das *litas* velhas, a baterem com estrondo, o que causava alarido e gaudío entre a população, que na sua maioria via entrar os outros, em belos restaurantes, onde o «Vinho do Porto» e o «Champanhe», não era estranho nas mesas dos freguêses.

O Ano Novo, foi para muitos uma esperança de dias melhores. E como a *esperança*, é aquilo, que mais anda no coração, o português aguarda, pois, melhores dias para a Pátria e para a República!...

Na noite de 31 para 1 do ano corrente, reuniram-se num jantar de despedida do ano, a que só assistiram, o que estas notícias escreve, — e o nosso querido redactor, e estimado colaborador respectivamente os ilustres jornalistas srs. Anibal Cruz e Carlos Regueira Santos, em Lisboa.

Durante a ceia, foram proferidos, diversos discursos, em que não foi esquecido o nome de José Marques Damião, nosso ilustre e querido director.

O nosso colaborador sr. Carlos Regueira Santos, deve em breves dias, realizar não obstante o seu estado de saúde, uma conferencia, que é aguardada com interesse.

Lisboa Janeiro 33

Mario Nunes Barata.

Anibal Cruz

É esperado na proxima semana n'esta redacção, vindo de Lisboa, onde tenciona estar durante uma semana, o nosso querido amigo e representante n'aquella cidade, sr. Anibal Cruz, redactor principal do «Ecos de Cacia.»

Bem vindo seja pois!

dios, e as suas salas ornamentadas com profusão de flôres naturaes.

Recebeu gentilmente os seus visitantes:—Club Recreativo de Celas (Coimbra) e Recreio Desportivo de Ageda.

No campo de S. Domingos, sob uma chuva impertinente, realisaram-se os jogos de Basketball e Foot-Ball. Depois na sede do Beira-Mar houve um torneio de Ping-Pong, a entrega de medalhas aos classificados e no final, pelas 22 horas, e em honra dos visitantes, iniciou-se um animado baile a que emprestaram toda a sua graça, as tricanas, fazendo-se ouvir a talabriga-jazz.

A illustre direcção agradece o convite o ignorado rabiscados desta noticia, desejando as propriedades de tão util agremiação que a toda a parte onde se praticam os desportos, tem levado o nome da cidade.

No proximo dia 9 devem realizar-se ali as eleições para os novos corpos gerentes do Beira-Mar, e apresentação das contas da direcção sessante.

A ETERNA DISCORDIA

É impulsionado pela triste visão dum negro quadro de miseria, que traço estas linhas.

Quem porventura, não se sentiria succumbir, ante os lamentos duma criança que pede pão, aos pais, que só lagrimas teem para lhe dar? Quem! Se esta maldita sociedade é constituída —na sua maior parte— por monstros sem coração?!

Ah! humanidade inclemente! A cegueira da ambição, não te permite divisar aquele desgraçado que por ti passa, com a fome estampada no rosto. E se na frente do teu luxuoso carro, numa curva da estrada, surge um pobre tropego que só a custo consegue arrastar-se, tu—depois de te certificares de que ninguem te observa—mimoseia-lo com um par de açoites, correspondendo assim aos desesperados rogos: «uma esmola para matar a negra fome». E como se essa afronta não fosse mais que sufficiente, para provar o desdem que nutres pelos desherdados da sorte, corres a lavar as mãos, receoso do contagio d'aquelle pestifero corpo.

Se tens um estabelecimento em laboração, encerra-lo, porque o lucro que dele auferes não compensa o juro do teu capital. Com isso vais engrossar as fileiras dos «sem trabalho»? Que importa? Se não te falta uma boa meza, uma boa cama, um belo «coupe» e um cofre recheado?

E contudo és tu considerada grande amiga dos infelizes, porque, quando duas senhoras da alta sociedade te aborda implorando o teu auxilio em prol duma instituição de beneficencia, afivelas a falsa mascara da caridade e dás o teu óbolo, acompanhado de elogiosas referencias ao gesto nobre, d'aquelas pioneiras do bem.

Ah! humanidade hipocrita! Que

serias tu, sem a massa produtora? Verias d'aquilo que teus pais te legaram, comendo o vil metal que te seduz? E de onde proveio afinal a tua fortuna? Não seria do braço dos que trabalham? Para que lhes coartas pois, o direito de viver? Porque eles nasceram na lama duma valeta, enquanto que, berços de ouro acalentavam os teus primeiros vagidos?!

E depois da morte, que diferença existe entre ti e um miseravel faminto? Tu, sóbes entre apotectivas manifestações, aos lagêdos dum rico mousolêu, e ele desce ignorado, á vala comum! Vovem os anos; e o que resta de dois seres tão diferentes em vida? Dois esqueletos que se confundem...

O dinheiro segue-te? Não; fica na terra de onde saíu.

Para quê pois essa tremenda guerra que tu —abominavel capitalista uzuraria—móves á classe proletaria?

Sê boa, vá. Dá do pão que te sobra, aqueles que o não tem. Construe azilos, hospitais e escolas; acolhe os velhinhos, protege os invalidos, cura os enfermos e instrue as crianças; faculta o trabalho aos operarios que d'ele vivem; cria um regímen unico, onde possam ingressar todas as camadas sociais, sem distincção de categorias; dá as mãos ao teu semelhante e luta, com ele, pela paz universal. É esta a forma unica de conseguires debelar o terrivel flagelo do odio que, germinando nos corações oprimidos, promete trazer ao mundo as mais tristes consequencias.

Solicita pois uma audfencia á consciencia—que não tens a honra de conhecer—e ouve-a atenta. Segue os seus conselhos e exterminarás cerce esta eterna discordia.

Perola Verde.

D. Dália Mendonça de Carvalho

De visita á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Carolina Rego C. Matos, que, como noticiamos, se encontra nesta localidade a passar com seus filhos as ferias do Natal, chegou aqui no dia 30 do mês p. p. a Ex.^{ma} Senhora D. Dália Mendonça de Carvalho distinta aluna da faculdade de Medecina de Coimbra.

Os nossos cumprimentos de boas vindas, agradecendo penhoradamente a visita que fez a este humilde jornal.

Batisado

Realizou se no dia 29 do mês p. p. o batisado de uma interessante criança do sexo feminino, filhinha do nosso contemporâneo e amigo sr. José Maria Pereira Felix, e de sua dedicada esposa sr.^a Maria Amalia Rodrigues Felix, á qual foi dado o nome de Maria Edalina Rodrigues Pereira, serviram de padrinhos, os tios da recém-nascida sr. Manuel Albino Pereira Felix, e Maria Rodrigues Felix.

O «Ecos de Cacia» associa-se ao grande convívio que os seus dedicados assinantes nesta hora teem, desfrutando um porvir de felicidade á pequenina Maria Edalina Rodrigues Pereira.

Dois aniversarios

Completo no apresível logar de Mataducos, 8 risosch a primavera no dia 23 do mês p. p. a interessante menina Ermelinda Pereira de Moura. Em 4 do corrente, igualmente fez 5 anos o galante menino seu mano António Pereira de Moura, ambos estes filhinhos dos nossos dedicados assinantes sr.^a D. Rosa Sineses Moura, e seu esposo nosso intimo amigo sr. Manuel Pereira Junior, grande industrial de Panificação na encantadôra praia da Ericeira.

Não só aos aniversariantes, como a seus dedicados e extremos pais, o «Ecos de Cacia» saú-la-os para que estes dias lhes sejam longos.

DIAGRAMA...

Carta a uma mulher.

Madmoiselle:

Escrevo desordenadamente. Não sei com sinceridade lho digo, qual o factor a que obedeço, que forço, move meu braço, que energia aciona mem cérebro obrigando-u a redigir estes periodos.

¿Será o extertôr agitado d'uma alma dilacerada pela cruel dor da desilusão? Mistério....

¿Será o movêr d'um coração que tenta reagir corajôsdamente, contra as desagradaveis surpresas da vida? Mistério....

É talvez o esforço desesperado do naufrago, que debatendo-se horrivelmente com as ondas; se vê por fim absorvido por elas, e puxado para as profundidades; oceanicas.

¿Mas que impôrta?... Que importa aos corações felizes a desgraça dos que sofrem?...

Ignoro qual a impressão que o seu espirito sentirá, ao ler o conteúdo d'este missiva.

É possível que a leia com indiferença; e finda a leitura, atire com ela ás chamas vermelhas d'um lume, que n'um momento a reduzirão a cinzas...ao nada...

É possível que a leia gargalhando de prazer, como o publico, admirando as mômices, as atitudes burlescas d'um colorido

«Arlequim». E ainda em ultimo caso poderá lêla com exaltação denominando o meu proceder de incorreto, e cognominando-me de andacioso. Nesse momento então, ela será rasgada em pequenas particulas, que por instantes voarão no espaço, até cairem no solo exaustas e doridas...

Humildemente vos peço perdão se perdão pode haver para a ousadia da minha atitude.

Uma atenuante apresento para merecer do vosso benevolente coração a desculpa que implôro o estado inclassificavel de todo o meu ser. Será n'ela, e na bondade da sua alma, que ponho toda a esperança de reabilitar o favor da simpatia com que V. uma vez me distinguio.

Respondendo há tempos n'um caderno recordação, á pergunta, «O que é a felicidade?» eu respondi:

«Voltaire, o grande filósofo frances deixou escrito: «A felicidade não é mais do que um sonho, só a dôr é real». Eu digo: A felicidade é um castelo construido de fumo, que ao mais pequeno sopro se desfáz; deixando

na nossa alma, a dôr, o sofrimento a desesperação.»

E assim é. Como tantos outros eu vivi algum tempo encerrado nesse castelo, onde passei os momentos mais agradaveis d'uma existência.

No entanto V., impulsionada por um méro capricho de mulher destrui-o, deixando-me subterrado nos escombros, ferido e desiludido...

Oh!... ¿Mas para que tocar nos residuos semi apagados da fogueira? Não poderá ela acender-se de novo, e brillar com mais intensidade?

Comparo V. aquelas flôres de incomparavel beleza e aroma subtil, que do cimo do seu cáulice nos olham com doçura despartendo em nós desejos impetuôsos de aproximár-mo-nos para de perto nos extasiarmos em sua contemplação, mas que ao tentar faze-lo, vemos derruir os nossos intentos, quando deparamos com os espinhos agudos que a rodeiam.

Repito, V. é a flôr; e os espinhos são os seus compromissos, que eu tômo a liberdade de classificar unica e simplesmente de triviais caprichos.

Estranhará V. certamente as divagações do meu cérebro febril.

Mas nada tem de que se admirar. Conhece certamente este velho e sabio dito: Recordar é viver.

E eu vivendo recôrdo... Recordo com gosto e ao mesmo tempo com saúde, os diminutos momentos que a vi.

Recordo com prazer infindo; as danças que executamos juntos, peito com peito arfando com violência, respiração confundindo-se languidamente como num demorado beijo de amor.

A estrela surgiu repleta de beleza; brillou um instante com fulgôr, e depois... fol pouco a pouco extinguindo-se, até que...

—Saiba V. que este será o nosso ultimo encontro propositado.

—Sim?... Nem rogos nem supplicas conseguirão demove-la do seu intento?

—Não...

—Então... Adeus...

—Adeus...

Satanáz.

Visado pela Comissão de Censura.

NOTÍCIAS DA NOSSA TERRA

CONTRASTE

(a Fernando Carneiro)

*Não te digas desgraçado,
Não vivas desesperado
Da sorte que Deus te deu.
Eu vivo resignado
E é mais negro o men fado,
Mais desgraçado sou eu.*

*O atroz destino lança
O meu corpo de criança
Ao acaso, sem ninguém;
Deixando-me, por herança,
A visão—triste lembrança—
Da campa de minha mãe.*

*Não te deves lamentar,
Antes te podes julgar
Ditoso, meu bom amigo;
Tens casa p'ra te abrigar,
Pai e mãe p'ra te guiar,
Eu sou um pobre mendigo...*

Dezembro 932

PEROLA VERDE

Da Povoa e Paço

Na ultima semana choveu torrencialmente, havendo já muitos campo alagados.

Pastorinhas—Tiveram lugar como de costume no dia 25 do p. p. as tradicionais Pastorinhas, que mais uma vez trouxeram a estes lugares muitíssimos forasteiros, havidos de perto avaliam o quanto são de apreço as belas Pastoras cá do burgo.

O cortejo, como é da praxe, foi imponente, sendo este abrilhantado pelo GRUPO MUSICAL CACIENSE que mais uma vez se despenhou galhardamente da sua missão.

O promotor desta festa, sr. José Fernandes da Silva, e António Rodrigues Barbosa, que viram coroados os seus esforços, são dignos dos nossos elogios, pois que muito trabalharam para que este aronada esmorecessem dos anos anteriores; cujo rendimento foi de 1.490\$00.

Parabens a todos quantos trabalham em prol da sua terra.

Uma cilada—Quando no dia 25 do mês p. p. pretendia entrar em sua casa a sr.^a Palmira Jesus Matos, ao entrar ali, foi esta abordada á sua porta por Rosa Graça Pinho, e sua mãe Maria Graça Pinho, que sem que preferissem qualquer palavra, se lançaram sobre aquela, travando-se uma verdadeira luta entre as trez, sendo estas apartadas por o sr. Fernando Brandão, que n'essa altura ali appareceu.

Dizem-nos que esta luta foi devido a uns ditos que houve entre a Rosa e o seu namoro, dos quais resultou o ódio aquélla senhora.

Esta contenda, que segundo nos informam foi renhida, já mais que a mãe da Rosa puxou por uma faca, a sr.^a Palmira ferida no rosto, e as suas rivais igualmente feridas, em diversas partes do corpo, e bem assim com os visuares em tiras.

Lamentamos que entrevisinhos o ter-se dando casos d'esta natuza, já mais onde entra o numero de hoje.

Mestre Azeilona.

Portos de Aveiro e Póvoa de Varzim

Foram nomeados comandantes dos portos de Aveiro e Póvoa de Varzim os srs. capitão-tenente Casal Ribeiro e 1.^o tenente Raúl Viegas Ventura, respectivamente.

Na Redacção

Estiveram n'esta redacção, apresentar-nos os seus cumprimentos de boas festas, os nossos bons amigos e assinantes srs. Manuel Pedro de Pinho Mendes Nunes da Silva, Henrique Manuel de Pinho Mendes Nunes da Silva, José Gomes da Mota e Silva, Afonso Fernando da Silveira Temudo de Noronha Portugal, Manuel Nunes da Silva Tavares, Manuel J. d'Almeida, Joaquim Domingos Piqueira, e seu néto Artur Domingos Piqueira, Mannel Albino Pereira Felix, Henrique Pereira Felix, João Maria Pereira Felix, José Maria Pereira Felix, Manuel Pereira Junior, D. Dália Mendonça de Carvalho, distinta aluna da faculdade de medicina de Coimbra, D. Ligia Maria da Câmara Almeida Matos, distinta aluna do Liceu central de Coimbra, Armentio Rodrigues da Silva Nunes, e José Rodrigues d'Oliveira.

Monte de Caparica

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal Ecos de Cacia.

Como filho d'essa região, e bairrista sinceramente apaixonado, rogo a v. queira dignar-se conciderar-me de 1 de Janeiro p. futuro em diante, assinante do v. jornal o «Ecos de Cacia» que varias vezes tenho lido, satisfasendo-me inteiramente; não só pela defesa aos interesses regionais, mas tambem pela sua boa colaboração, e bem assim por algumas reportagens que bom será continuar, já mais quando se trata da defé da minha terra natal Angeja.

Sem outro assunto sou com toda a consideração de V. etc.,

Ernesto Baptista.

Grande Desastre

Quando um avião se preparava para amarisagem, chocou com uma lancha, não havendo, mortos, porque os passageiros destes dois transportes só faziam as suas compras no PARAISO em frente da Capitania em Aveiro.

Auxiliai a Industria Portuguesa.

Necrologia

Na sua casa em Salreu, faleceu repentinamente no dia 28 de Dezembro ultimo, o sr. Francisco Rodrigues de Oliveira, viuvo, de 68 anos, pai amantissimo dos srs. Manuel José e Joaquim Rodrigues de Oliveira.

O falecido que era dotado das melhores qualidades, deixa aí na maior parte de todos os seus conterrâneos que com ele privavam pessoalmente na freguesia de Salreu muitas saudades.

O seu funeral, que se realisou no dia seguinte, foi muito concorrido e constatou uma verdadeira homenagem de pesar, na qual se incorporaram as trez irmandades; a do Coração de Jesus, Senhor dos Passos e a das Almas, vendo-se ainda uns lindos ramos de filões naturais oferecidas pelos filhos e netos.

O feretro foi acompanhado por seis padres, tendo havido officios e missa de corpo presente.

O Grupo Nacional de Scoutos n.º 56 Dr. Avelino Gonçalves, de Cacia, do qual é chefe o filho do falecido, e nosso intimo amigo e assinante sr. José Rodrigues de Oliveira, fez-se representar por alguns dos seus agrupados, que para esse fim ali foram.

Conduziu a chave do ataúde, o sr. António Augusto Cardote. O «Ecos de Cacia» vem por este meio apresentar os seus mais sentido pèzames, não só ao seu assinante, como a toda a familia em luto.

DE MATADUÇOS E ALUMIEIRA

Tiveram lugar no domingo p. p. as Pastorinhas d'estes dois logares, que devido ao mau tempo que fêz n'esse dia, não tiveram o luzimento de que era de esperar.

Houve ainda a reunião de quasi todas as lindas Pastoras cá do burgo, que apesar do riguroso inverno que n'esse dia fêz, ainda tentaram atravessar todo o grande lamaçal de que Mataduços tem jús, que só a muito custo é que foram dissuadidas, dirigindo-se n'esse caso uma e uma—porque de outra forma não se pode transitar—para a linda capela da S.^{ra} de Alumieira, onde dentro da mesma se fêz aramatação das ofertas, cujas eram deminutas.

Sentimos profundamente o desgosto dos promotores d'esta simpatica e interessante festa.

—Apassar umas semanas na companhia de seus pais chegou Alumieira vindo de Coimbra, o nosso amigo sr. Manuel Maria de Matos.

Aqui lhe apresentamos as nossas boas vindas.

—Com destino a Lisboa, onde é grande industrial de Panificação, deve retirar-se no dia 8 do corrente mês, o nosso conterrâneo sr. Manuel Maria.

Com antecedencia, lhe endireçamos um abraço de despedida.

Correspondente.

D E S E J O

«A alguem»

*Como tu que jámais encontrarei
Mulher que sem querer fui amar
Fizeste em meu peito o amor pulsar
Para ti, para ti... somente viverei.*

*Que importa mortal ou imortal ser
Se o meu desejo é o teu amor infindo
Que a todo o momento se vá sentindo
Após foste minha até morrer?*

*Que importa, é o prazer que exprimento
Quando recordo um pequenino momento
Do tempo em que só tu eras senhor.*

*Despertas em mim muitos desejos
Dessa tua face cobrir com beijos
E que eternamente jurou amar.*

Porto 26 | 12 | 932

LAMIDA

A' Primeira Vista

*Fis-me amar um dia,
Por uma menina bem restólha.
Mas ao encarar com éla,
Vi logo que éra zarólha;*

*Notei mais por um bocado,
Que éra também cambêta;
Mas eu não fiz caso
Por o amor ser de pêta.*

*A pesar de ser cambêta,
Tinha uma cara separada;
Eu logo notei néla;
Que não prestava para nada;*

*A côr d'ela não é boa,
E côr amodelada,
O que eu acho mais engraçado,
É o talho da sua saia.*

*É moda, e é talho de funil,
Bem liza e bem curtinha,
Aquilo cá para o Lomeser,
Escuza de tanta coisinha*

*Quando vai a alguma festa,
Nem parece cambêta nem láia,
Com o seu casáco de pelache
E com o funil da sua saia,*

*Com sua saia de funil,
Com sua beluza de passaróla,
Dizem-nos que éla é,
Do lugar de Sarrazola.*

*Usa casaquinho á mamã,
É uma menina bem fulbeira,
Anda haver se emlude algum,
Para que caia nasueira*

*O que éla quer, é uma sombrinha;
Que a que tem é pequena;
Veija se há algum;
Que tenha dó paixão e pena;*

*Hoje ficamos por aqui;
Já estou quasi cansado;
Para a semana se puder;
Contarei o resultado;*

11 | 932.

Abá

Manuel Pereira Junior

Em visita a sua estremeceida familia, tem estado em Mataduços por uns dias o nosso amigo e assinante sr. Manuel Pereira Junior, industrial de Panificação na capital.

Pouhoradamente aqui lhe agradecemos a sua visita a esta redacção, bem assim, a sua muita atenção para o nosso apêlo.

Arranjar um assinante, é dár uma prova de dedicação a este jornal.

Carta — DE — ANGEJA

Teve logar como oportunamente aqui dissemos no dia 1 do corrente mês, a tradicional festa das Pastorinhas, que como de costume, tanto intuzias mo acarrêta a todos os habitantes desta encantadora e pacata Angeja.

O cortejo que teve inicio na Capela do Martir S. Sebastião, éra abrilhantado pelo reputado GRUPO MUSICAL CACIENSE que tanto se tem distinguido onde tem ido prestar os seus serviços, tendo este levando por diversas vezes, muitas palmas, pela forma brilhante de que mais uma vez aqui se apresentou; chegado o cortejo á Praça, ali teve a cerimonia que é de costume de todos os anos, após á qual se dirigiu para a Igreja onde davam o menino a beijar, e as suas ofrendas éram depositadas, em virtude do mau tempo que n'essa altura já caía sobre Angeja, o qual prejudicou consideravelmente esta encantadora festa.

Os carros que se encontravam depositados na Praça, eram em nune de 16, que lêiloados como todas as ofertas, atingiu um saldo de 3.154\$00, que no nosso modo de vêr, se não fosse a chuva, muitissimo mais poderia render.

Nós, por intermedio do «Ecos de Cacia» de quem somos um humilde colaborador, aqui apresentamos os nossos mais sinceros parabens a todos os promotores d'esta atracente festa.

—Com licença de uns dias, chegou aqui vindo de Lisboa a onde é militar, o nosso amigo sr. Manuel Carramona.

Os nossos cumprimentos de umas boas vindas.

—Sobre esta freguesia, tem chovido torrencialmente, encontrando-se algumas das suas ruas intransitaveis.

Sem que, algem aquem compete, se lembre d'essa grande e imperiosa necessidade.

Senhores Angejenses, reparem para esse abismo que em algumas das ruas se nos depara, as quais apenas com unscarros de entulho ficaria-mos livres d'essa epidemia.

Aqui apelamos para quem compete.

Correspondente

Ver a 4.ª Pagina.

O homem e a máquina

Crise economica mundial... Três palavras que ficaram gozando a consagração de lugar comum de todas as quantas desgraças ocorrem. E, se toda a gente se dá ao luxo, já vulgarizado, de arrotar sonoramente os três bombásticos palavões, poucos se dão ao trabalho de lhe estudar o significado, de lhe analisar as causas, de lhe propôr o remédio.

Assim, a mais dura realidade do presente raras vezes consegue passar, nos debates rotineiros, para além dos dominios característicos da fantasia.

Sabe-se que há crise—uma crise inpediosa, que não olha a raças nem a latitudes, que tomou conta de todo o mundo—porque se lhe sentem as consequências. E, tal como se a situação de crise não fôsse uma anormalidade, uma doença social que assume aspecto grave, toda a gente cruza os braços, como esperando divino maná redentor, caído das alturas, por obra e graça do artifício.

Há espalhados pelo mundo, milhões de homens que não têm que fazer, que não têm, em troca, mulheres que sofrem e filhos que choram de fome.

A falta de trabalho é, desta maneira, uma realidade incontroversa.

Por que é que o trabalho não chega para todos? Trabalha-se menos? Produz-se menos? Toda a gente sabe que se produz mais, que a crise, actualmente, é mesmo, de abundancia: a máquina, desalojando a mão de obra, aumentou a produção com um menor emprêgo de trabalhadores: Daí, este contrasenso: a máquina, que devia ter o papel social de auxiliar da humanidade, diminuindo-lhe o caracter penoso que entra na actual definição económica de trabalho, surge transformada em instrumento ampliador da tragédia social. E o trabalhador, assim pensando, sente uma instintiva repulsa pela máquina, em que vê um pe-

rigoso concorrente, que produz mais, a menor preço.

Evidentemente, esta repulsa é uma resultante do imediato instinto de conservação, mais nada. Mas tal resultante, provinda, apenas, de um instinto, meramente primitivo, não resiste ao mais rudimentar exame racional: o homem não pode pretender inutilizar, aniquillar a criação do progresso, capaz de lhe poupar energias. O homem, o trabalhador, tem que aceitar essas criações: a sociedade fica cabendo, porém, o papel de estabelecer o equilíbrio entre as duas situações, harmonizando os interesses que elas representam.

O que parece lógica dedução do raciocínio humano, do raciocínio justo—e se não fôr justo não é raciocínio—é que a máquina não tem o fim social de tornar o produto mais barato apenas para o produtor, que só aspira a levá-lo ao consumidor pelo preço, de antes da inovação. Se assim fôsse, a máquina seria um benefício apenas do produtor e nunca um benefício da humanidade.

Uma máquina, na mesma unidade de tempo, desenvolve trabalho equivalente ao de cem homens? Muito bem: a máquina deverá funcionar. Mas a sociedade tem que se regular de forma que garanta ocupação remunerada a êsses cem operários, ainda que se lhes reduza ao mero indispensável o período diário de trabalho.

Nem outro pode ser o destino da máquina: libertar a humanidade do peso da servidão.

De contrário, em vez de ser um lenitivo para a humanidade, o desenvolvimento mecânico surgiria transformado em vulgar e antipático instrumento de exploração da mesma humanidade, em, favor, apenas dos detentores da utilidade.

Da República

V A I S A I R

O GRITO DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

ANTI-CLERICAL

NOTICIOSO

Director e editor

CARLOS REGUEIRA SANTOS

Chefe de Redacção

ANIBAL CRUZ

Administrador

FAUSTO ANTUNES

Secretario de Redacção

JOSÉ DE FIGUEIREDO JUNIOR

É Pela República
A DIVISA DO Pela Patria
"GRITO DO POVO" Pela Liberdade

Redacção e Administração (provisoria)

Travessa Nova de S. Domingos, 34, 1.º Lisboa

NOTAS A LAPIS

Miseráveis!

Miseráveis!... Miseráveis!... Estas frases ficam bem adequadas a certos covardes e delactores.

Miseráveis, sim!... São todos aqueles que nos abraçam e depois na sombra nos querem apunhalar.

Mas o punhal que uzam—o da má lingua, o da intriga—treme e os alcoviteiros recolhem á sua infima insignificancia réles de pobres de espirito, de miseráveis!...

E se lhes dissermos:—Arre malandros! Que sois piores que os cães famintos!—ainda sorriem como poltrões.

Mas para esses miseráveis vai o nosso desprezo. E quando tentarem alvejar as canelas de gente honesta o cavallo marinho lhes retalhará a cara sem vergonha.

Para traz miseráveis! Para traz, porque não queremos ser enlameados.

A carapuça se te serve, ó miserável, enfia-a porque não te levamos nada pelo feito.

A TRADIÇÃO

O povo da nossa terra evoca, com alegria a tradição:—organizando as festas dos Santos Reis.

Ben haja quem ainda pode no momento doloroso para a familia portuguesa, levar a efeito fes-

tejostão pomposos e tão despendiosos...

Mas que importa que rebente de fome o povo sem trabalho e vagueiem por esses caminhos criancinhas nuas e famintas?!

Os foguetes sobem ás alturas, os cantochões religiosos embrutecem e ás filarmónicas com uma musica al gre fazem esquecer a miseria!...

E evoca-se a tradição... santa gente.

RUSGAS AOS FAMINTOS

A propósito da fome, se teem feito em Lisboa, dia e noite, rusgas por brigadas de agentes aos que na voz do povo, se chamam mendigos. Dezenas de mulheres e homens teem dado entrada nas esquadras onde aguardam o seu destino.

Uns, serão enviados á terra de sua naturalidade. Outros, serão enviados aos hospitais e asilos. E os riencidentes irão para as possessões do ultramar.

Enfim, miseria, só miseria!...

PALERMICES

O «Manél Palerma» quando observa no céu das letras uma estrela, fita-a de tal maneira que até se torna reparado pelos calinos que o rodeiam.

Mas, se ao menos, seguisse as estrelas que o teem prendido de certo que já tinha desaparecido de Sarrazola!...

Pobre «Manél Palerma»...

Manuel Albino F. Felix

Com destino Alhandra onde é industrial de Panificação, retirou-se no dia 31 do p. p. a pós a estada aqui na Quinta por umas semanas, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Albino Pereira Felix, o qual foi acompanhado por sua dedicada esposa e filha.

Para estes vão os nossos cumprimentos.

Ainda a festa do St.º Antonio em Vilarinho

Temos em nosso poder, um extenso documento da Digna Comissão que fez a festa a St.º António em Vilarinho, que por absoluta falta de espaço, fica-nos para o proximo numero.

Pedindo aos seus autores, que nos desculpem esta falta.

Dr. Santos Reis

Dá consultas e fáz qualquer tratamento, todos os dias, em Lisboa.

na RUA DO AMPARO, 82-1.º

Anunciai no Ecos de Cacia

Viva a República!

É um livro republicano e liberal, com colaberação dos Srs.:
GENERAL SÁ CARDOSO
DOUTOR ORLANDO MARÇAL
ESCRITOR SEVERO PORTELA
JORNALISTA RIBEIRO DE CARVALHO
e outros vultos da Democracia, que toda a familia republicana deve adquirir.

Este oportuno trabalho do jornalista republicano e liberal Carlos Regueira Santos, comemorando o 22.º ANIVERSÁRIO da República Portuguesa, já foi posto á venda.

Apresenta-se com marcante aspecto gráfico e com uma capa a cores reproduzindo uma cena das mais vibrantes do tempo da propaganda.

O preço deste livro é de Esc. 5\$00 e será enviado a todas as pessoas que o peçam, á cobrança, sem mais despesas, para que assim todo o POVO REPUBLICANO E LIBERAL possa adquirir esta formidável obra.

Reserve já os seus pedidos num simples postal dirigido a:

EDIÇÕES ORIENTE
Rua Almirante Pessanha, 3 e 5
(ao Carmo)
L I S B O A

As pastoras em CACIA